

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
DIRECÇÃO-GERAL DE INOVAÇÃO E DE DESENVOLVIMENTO
CURRICULAR

ENSINO RECORRENTE DE NÍVEL SECUNDÁRIO

PROGRAMAS DE ESPANHOL

10º, 11º e 12º ANOS

INTRODUÇÃO

(comum a todos os programas de Iniciação e de Continuação)

CURSOS CIENTÍFICO-HUMANÍSTICOS
CURSOS TECNOLÓGICOS
CURSOS ARTÍSTICOS ESPECIALIZADOS

Autores

José León Acosta
Maria Bravo Gil
Sonsoles Fernández (Coordenadora)

Homologação

25/08/2005

ÍNDICE

1. Introdução	3
2. Apresentação dos programas	4
2.1 Ensino Recorrente	4
2.1.1 Estrutura modular dos programas do ensino recorrente	4
2.1.2 Carga horária nas componentes de formação geral e específica	5
2.1.3 Características específicas dos alunos adultos e da organização destes cursos	6
2.2 Programas de Espanhol	7
2.2.1 Finalidades	7
2.2.2 Enfoque metodológico dos programas de Espanhol	8
2.2.3 Relação com o <i>Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas (QECR)</i>	10
2.2.4 Adequação às diferentes situações	15

1. INTRODUÇÃO

No âmbito da Reforma do Ensino Secundário (DL n.º 74/2004, de 26 de Março), torna-se necessário proceder ao reajustamento dos novos programas do ensino secundário para o ensino secundário recorrente. Este processo implica uma reorganização dos referidos programas numa estrutura modular apropriada à especificidade desta modalidade de ensino e uma adequação às características dos alunos adultos que frequentam o ensino recorrente.

No contexto da União Europeia, torna-se necessária a intensificação da aprendizagem e do ensino de línguas para possibilitar a consecução dos seus objectivos de possibilitar uma maior mobilidade dos cidadãos, um melhor acesso à informação, uma comunicação internacional eficaz e um exemplar respeito pela identidade e pela diversidade culturais (*Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas: aprendizagem, ensino, avaliação*).

Nesse contexto, torna-se cada vez mais atractiva no ensino recorrente a opção pela aprendizagem da língua espanhola, não só por ser uma das línguas mais faladas no mundo, como também pela oportunidade de os alunos terem contactos directos e frequentes com esta língua, o que pode contribuir decisivamente para a melhoria das habilitações académicas dos alunos e para o enriquecimento da sua capacidade de comunicar eficazmente em contextos internacionais. As relações entre Espanha e Portugal, neste século XXI, propiciam numerosos postos de trabalho em que o aperfeiçoamento no conhecimento das duas línguas – português e espanhol – supõe uma mais-valia que pode marcar a diferença em momentos decisivos de apreciação de um currículo por parte de uma entidade empregadora.

Para responder adequadamente à situação anteriormente descrita, o ensino–aprendizagem da língua espanhola que se propõe nestes programas orienta-se decididamente a favorecer a comunicação internacional, a dar resposta aos interesses de inserção profissional dos alunos adultos, assim como a contribuir para o seu desenvolvimento pessoal

2. APRESENTAÇÃO DOS PROGRAMAS

Nesta apresentação distinguimos duas secções: a primeira refere-se à adequação dos programas às características do ensino recorrente e a segunda ao enfoque metodológico e às linhas-eixo que articulam os programas de Espanhol.

2.1 ENSINO RECORRENTE

Os programas para o ensino recorrente devem ter em conta os seguintes aspectos:

1. Estrutura modular.
2. Carga horária de acordo com as componentes de formação geral e específica.
3. Características inerentes aos alunos adultos e à organização destes cursos.

2.1.1 Estrutura modular dos programas do ensino recorrente

A articulação do programa de cada ano em três módulos capitalizáveis vem ao encontro de umas das características do ensino recorrente que é a de facilitar a formação de adultos que conciliam os estudos com a sua inserção na vida profissional e que, com frequência, interrompem os estudos. Esta organização modular possibilita assim a superação e retoma das diferentes fases do trabalho.

No entanto, dadas as características da aprendizagem de uma língua estrangeira, de acordo com o consenso de toda a metodologia actual, o processo de desenvolvimento das competências comunicativas realiza-se em espiral, pelo que as fases mais avançadas arrancam das anteriores para sobre as mesmas construir a aprendizagem. Portanto, embora o programa seja estruturado em módulos, deve ter-se em conta que cada módulo retoma a aprendizagem realizada nos anteriores. De acordo com este processo, um aluno deve capitalizar sequencialmente os módulos, pois, tendo em conta o desenvolvimento das competências, é improvável que ele possa capitalizar um módulo mais avançado sem ter capitalizado o anterior, dado que o último módulo integra os objectivos e conteúdos dos anteriores.

2.1.2 Carga horária nas componentes de formação geral e específica

A carga horária da disciplina na componente de formação específica é a mesma que a estabelecida para os programas do ensino secundário diurno (três tempos lectivos semanais de 90 min, o que perfaz um total de 148,5 horas). Neste caso, prevê-se que se possam atingir os mesmos níveis de competência comunicativa linguística que os assinalados para os programas do ensino diurno.

No entanto, na componente de formação geral, tanto de Iniciação como de Continuação, a redução da carga horária é considerável, ficando limitada a um tempo lectivo semanal de 90 min, portanto 33 tempos lectivos de 90 min, correspondendo a 33 semanas. Neste caso, os níveis de desempenho no ensino secundário recorrente não podem ser os mesmos que os programados para o ensino secundário diurno, o que leva a uma reorganização dos programas mais profunda que no caso anterior. Contudo, pensamos que o aluno do ensino recorrente, na formação geral, pode suprir a diminuição nas horas de aula com um maior desenvolvimento na autonomia da aprendizagem, o que o capacitará para procurar e aproveitar outras ocasiões de entrar em contacto e interagir com a nova língua.

Apresentamos de seguida o quadro geral da carga horária dos programas de Língua Estrangeira:

Cursos	Componente de Formação	Nível	Anos			Carga horária semanal (90 min)	Total de horas (por ano)
			10º	11º	--		
Científico-Humanísticos, Tecnológicos, Artísticos Especializados	Geral	Iniciação	10º	11º	--	1 (1,5 h)	49,5
Científico-Humanísticos, Tecnológicos, Artísticos Especializados	Geral	Continuação	10º	11º	--	1 (1,5 h)	49,5

Científico-Humanísticos	Específica	Iniciação	10º	11º	12º	3 (4,5 h)	148,5
Científico-Humanísticos	Específica	Continuação	10º	11º	12º	3 (4,5 h)	148,5
	Específica (a)	Continuação	--	--	12º	3 (4,5 h)	148,5

a) Disciplina opcional que dá sequência ao ciclo bienal da componente de formação geral.

2.1.3 Características específicas dos alunos adultos e da organização destes cursos

Os alunos do ensino recorrente são pessoas adultas, que, em princípio, devem conciliar o estudo com outras obrigações, e que, se o fizerem, é porque estão fortemente motivados, mas, ao mesmo tempo, tal exige deles um esforço suplementar tanto para assistir às aulas depois de uma jornada completa de trabalho, como para dedicarem ainda tempo adicional ao estudo.

Por serem alunos adultos transportam para a aula um rico mundo de experiências e conhecimentos que deve ser aproveitado para a aprendizagem da língua, fazendo com que os temas e as situações de comunicação se adaptem a esse mundo.

A motivação, como é sabido, é factor determinante no sucesso das aprendizagens; o adulto que estuda no ensino recorrente fá-lo com a motivação de melhorar as suas qualificações e, conseqüentemente, a sua situação profissional e pessoal. Aproveitar essa motivação, ir ao encontro dela e não a defraudar deve ser o desafio mais importante dos professores nesta modalidade de ensino. Nestes programas, essa é uma das primeiras preocupações, com a convicção de que se falhar esta motivação, não só fica comprometido o sucesso, como também a continuidade dos seus estudos.

Dado que assistir às aulas num horário nocturno, depois de uma jornada completa de trabalho, pressupõe um esforço e cansaço adicionais, a metodologia deve ter em conta esses aspectos e criar *dinâmicas activas e motivadoras*, em que os alunos sejam os protagonistas e se envolvam com todo o interesse.

Autonomia para aprender

Um dos pontos a salientar em toda a aprendizagem é o desenvolvimento da autonomia do aluno para aprender, a capacidade de fixar os seus próprios objectivos e estratégias de aprendizagem e de aproveitar todas as ocasiões da vida quotidiana para aprender. O desempenho desta autonomia é, de facto, uma das linhas de força do *Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas* e do *Portefólio Europeu de Línguas*, documentos que, com o objectivo de promoverem a aprendizagem das línguas por todos os cidadãos e ao longo da vida, visam, de forma particular, os adultos.

No caso deste tipo de alunos do ensino recorrente, a importância deste “aprender a aprender” apoia-se ainda noutras razões, que são: o reduzido número de horas lectivas, na formação geral; a possibilidade da frequência não presencial deste ensino; as ausências reais ou virtuais dos alunos às aulas, por razões de compromissos vários, preocupações ou ainda cansaço, entre outras. A capacidade de assumirem a sua própria aprendizagem não só melhora as “performances” como também pode suprir as carências apontadas.

Por outro lado, seria normal que o adulto tivesse conseguido um maior grau de autonomia, mas se não for assim, este “aprender a aprender” será uma ajuda valiosa para o seu crescimento pessoal, sendo a atitude e o papel do professor determinantes para desenvolver a autonomia dos seus alunos.

Como mostraremos a seguir, este desenvolvimento da autonomia e da capacidade de o próprio aluno assumir a responsabilidade da sua aprendizagem é uma das linhas estruturais dos novos programas de Espanhol, preocupação que ainda fica mais acentuada nos programas para o ensino recorrente (remetemos para as alíneas de desenvolvimento de estratégias de aprendizagem, no ponto 2.4).

2.2 PROGRAMAS DE ESPANHOL

2.2.1 Finalidades

- Proporcionar o contacto com outras línguas e culturas, assegurando o domínio de aquisições e usos linguísticos.

- Favorecer o desenvolvimento da consciência de identidade linguística e cultural, através do confronto com a língua estrangeira e com as culturas por ela veiculadas.
- Promover o desenvolvimento equilibrado de capacidades cognitivas, socioafectivas e estético-culturais.
- Favorecer a estruturação da personalidade do aluno pelo continuado estímulo ao desenvolvimento da autoconfiança, do espírito de iniciativa, do sentido crítico, da criatividade, do sentido da responsabilidade, da autonomia.
- Fomentar uma dinâmica intelectual que não se confine à escola nem ao tempo presente, facultando processos de aprender a aprender e criando condições que despertem o gosto por uma actualização permanente de conhecimentos.
- Implementar a utilização dos *media* e das novas tecnologias como instrumentos de aprendizagem, de comunicação e de informação.
- Promover a educação para a comunicação enquanto fenómeno de interacção social, como forma de incrementar o respeito pelo(s) outro(s), o sentido da entreatajuda, a cooperação e a solidariedade.
- Promover o desenvolvimento da consciência de cidadania europeia, a nível individual e colectivo.

2.2.2 Enfoque metodológico dos programas de Espanhol

A seguir, resumimos brevemente as linhas que estruturam os programas de Espanhol:

a) Aprender línguas para o conhecimento e para a comunicação

Subjaz a estes programas um conceito de língua como instrumento privilegiado de comunicação, como espaço de apropriação/expressão do “eu” e como instrumento para representar a realidade, apropriando-se dessa mesma realidade. Assim, ao aprender uma língua, não se adquire única e exclusivamente um sistema de signos mas, simultaneamente, os significados culturais que os signos comportam, i. e., o modo de interpretar a realidade.

b) Enfoque comunicativo orientado para a acção

O paradigma metodológico que se escolheu foi o comunicativo, já que ele proporciona um crescimento holístico do indivíduo, em que o aluno é o centro da aprendizagem. Sem abandonar a "abordagem comunicativa", e como revitalização dos seus princípios, privilegia-se, de acordo com as orientações do *Quadro Europeu Comum de Referência*, uma metodologia orientada para a acção, estimulando professores e alunos na realização de *tarefas* significativas que conduzam à utilização da língua em situações autênticas.

O trabalho com base em *tarefas* consiste na realização de acções concretas (não necessariamente académicas) de interesse para os alunos, que exijam resolver situações de comunicação para as quais é necessária a aprendizagem dos elementos sociolinguísticos adequados. A característica principal desta metodologia é a apresentação da complexidade da comunicação de uma forma global, com a atenção posta no processo, trabalhando todos os seus elementos de um modo interrelacionado, tal como se processa na vida real. Ao programar, o professor não parte dos conteúdos linguísticos (noções, funções, estruturas) e, baseando-se neles, estabelece actividades; pelo contrário, organiza tarefas finais e, a partir destas, aborda as intermédias, os objectivos, os conteúdos, a metodologia e a própria avaliação.

c) O aluno como eixo

Reconhecer o aluno como eixo de todo o processo didáctico pressupõe programas e metodologias capazes de se adaptarem aos diferentes tipos de alunos (estilos e ritmos de aprendizagem, experiências, interesses e orientações académicas) e de responsabilizar o aprendente na tomada de decisões no que se refere à sua própria aprendizagem. Isto é, é necessário encetar um processo de negociação para adequar a planificação inicial a cada grupo concreto de alunos, em função das suas capacidades, dos seus interesses e necessidades, para que eles possam gradualmente conquistar a autonomia na aprendizagem da língua espanhola, que se pretende extensível às restantes disciplinas e que, mais tarde, lhes permita continuar a tarefa de aprender a aprender.

d) Processo de aprendizagem

O processo de aquisição da língua estrangeira pode caracterizar-se como uma construção criativa em que o aluno, apoiando-se num conjunto de estratégias e a partir

do *input* linguístico recebido, formula hipóteses para elaborar regras que configuram a representação interna do novo sistema. Este processo permite organizar a língua de maneira mais compreensiva e significativa, com o fim de produzir mensagens nas mais diversas situações de comunicação.

Esta aprendizagem deve ser “significativa” para o aluno, ou seja, deve partir do seu mundo de experiências e conhecimentos, para poder assim ser integrada e reestruturada num processo construtivo, pleno de significado.

e) Responsabilidade e autonomia na própria aprendizagem

Como apontávamos mais acima, esta capacidade de assumir a própria aprendizagem caminha no sentido da autonomia, sendo não só um sinal de desenvolvimento pessoal, como um factor de sucesso capaz de rentabilizar as melhores formas e ocasiões de aprender. Para conseguir que os alunos desenvolvam esta autonomia, é necessário manter uma posição activa, “negociando” os objectivos, conteúdos e actividades, propondo formas diferentes de trabalho e assumindo a própria avaliação dos seus esforços e resultados. É claro que o papel do professor deve acompanhar este processo, deixando de ser ele o centro, a fonte do saber, o avaliador, para passar a ser a pessoa atenta às necessidades dos seus alunos, capaz de os motivar, orientar e de se adaptar às diferentes situações.

2.2.3 Relação com o *Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas (QECR)*

De acordo com o interesse europeu de equiparar os níveis de domínio das línguas, para facilitar os intercâmbios de estudantes e profissionais dentro da Comunidade Europeia, neste programa, assinala-se, para cada ano, a correspondência com os níveis definidos pelo Conselho da Europa no supracitado documento: A – Utilizador elementar (A1 e A2), B – Utilizador independente (B1 e B2), C – Utilizador experiente (C1 e C2). Cada um destes níveis, de acordo com as diferentes realidades, pode exigir uma subdivisão maior. Atendendo às características próprias da aprendizagem do Espanhol por lusofalantes no ensino secundário, considerámos conveniente subdividir os níveis inicial e médio da seguinte forma: A1, A2.1, A2.2; B1.1, B1.2, B2.1, B2.2. Os níveis do *QECR* a que os programas de Espanhol para o ensino recorrente correspondem são os seguintes:

Nível de Iniciação, Formação Geral:

10º ano	49,5 horas	Nível A1.2
11º ano	49,5 horas	Nível A2.1

Nível de Iniciação, Formação Específica

10º ano	148,5	Nível A2.1
11º ano	148,5	Nível A2.2
12º ano	148,5	Nível B1.1

Nível de Continuação, Formação Geral

10º ano	49,5 horas	Nível B1.1
11º ano	49,5 horas	Nível B1.2

Nível de Continuação, Formação Específica

10º ano	148,5	Nível B1.2
11º ano	148,5	Nível B2.1
12º ano	148,5	Nível B2.2

Nível de Continuação, Formação Específica

12º ano	148,5	Nível B2.1
---------	-------	-------------------

Transcrevemos, a seguir, a visão global e simplificada das competências que se espera sejam alcançadas nos níveis A1, A2 e B1, B2, de acordo com o *Quadro Europeu Comum de Referência (QEER)*.

Em segundo lugar, apresentamos, também, a síntese do grau de desenvolvimento da competência linguística em cada nível.

a) Níveis de competência (da escala global orientadora do *QEER*)

Nível A1

É capaz de compreender e usar expressões familiares e quotidianas assim como enunciados muito simples que visam satisfazer necessidades concretas. É capaz de se apresentar e apresentar alguém e é capaz de fazer perguntas e dar respostas sobre aspectos pessoais como, por exemplo, o local onde vive, as pessoas que conhece e o que lhe pertence. É capaz de comunicar de modo simples, se o interlocutor falar lenta e distintamente e se mostrar cooperante.

Nível A2

É capaz de compreender frases isoladas e expressões frequentes relacionadas com áreas de prioridade imediata (p. ex.: informações pessoais e familiares simples, compras e meio envolvente). É capaz de comunicar em situações correntes e em rotinas que exigem apenas uma troca de informação simples e directa sobre assuntos e actividades habituais. É capaz de descrever de modo simples a sua formação, o seu meio envolvente e, ainda, referir assuntos relacionados com necessidades imediatas.

Nível B1

É capaz de compreender as questões principais quando é utilizada uma linguagem clara e corrente e os assuntos lhe são familiares (temas abordados no trabalho, na escola e nos momentos de lazer, etc.). É capaz de participar na maior parte das situações que podem ocorrer numa região onde se fala a língua-alvo. É capaz de produzir um discurso simples e coerente sobre assuntos que lhe são familiares ou de interesse pessoal. É capaz de relatar experiências, eventos e sonhos, expressar um desejo ou uma ambição, bem como expor brevemente razões e justificações para um projecto ou emitir opiniões.

Nível B2

É capaz de compreender as ideias principais em textos complexos sobre assuntos concretos e abstractos, incluindo discussões técnicas na sua área de especialidade. É capaz de comunicar com um certo grau de espontaneidade e de à-vontade com falantes nativos, sem que haja tensão de parte a parte. É capaz de se exprimir de modo claro e pormenorizado sobre uma grande variedade de temas e explicar um ponto de vista sobre um tema da actualidade, expondo as vantagens e os inconvenientes de várias possibilidades.

b) Grau de desempenho da competência linguística em cada nível

Nível A1

- Possui um repertório elementar de expressões relacionadas com situações concretas e aspectos pessoais.

- Mostra um controlo limitado de palavras, estruturas e formas gramaticais básicas. Domina uma série de padrões frásicos memorizados que adapta a situações conhecidas.

Nível A2.1

- Produz expressões quotidianas breves para satisfazer necessidades concretas. Utiliza estruturas sintáticas básicas – grupos de palavras e padrões frásicos– para falar sobre si e sobre outras pessoas, sobre aquilo que fazem, sobre lugares, bens, etc.
- Tem um repertório limitado de frases para situações previsíveis. Podem ocorrer rupturas e incompreensões em situações não habituais. Possui vocabulário suficiente para satisfazer as necessidades comunicativas básicas e as necessidades simples de sobrevivência.
- Usa com correcção estruturas simples, mas com possíveis erros básicos e sistemáticos (omissões, neutralizações, tempos verbais, concordância, interferências); no entanto, aquilo que quer dizer é geralmente claro.

Nível A2.2

- Produz expressões simples para satisfazer necessidades quotidianas. Utiliza estruturas sintáticas básicas para falar sobre assuntos familiares.
- Tem um repertório, elementar mas suficiente, para situações previsíveis. Podem ocorrer rupturas e incompreensões em situações não habituais.
- Usa com correcção estruturas simples, mas com possíveis erros básicos e sistemáticos (omissões, neutralizações, tempos verbais, concordância, interferências); no entanto, aquilo que quer dizer é geralmente claro.

Nível B1.1

- Possui meios linguísticos suficientes para sobreviver, e para se exprimir com hesitações e circunlocações sobre temas como família, passatempos, interesses, trabalho, viagens e actualidades, mas as limitações lexicais provocam repetições e dificuldades com a formulação.
- Tem vocabulário suficiente para se exprimir com a ajuda de circunlocações sobre a maioria dos assuntos pertinentes para o seu quotidiano. Mostra bom domínio do

vocabulário elementar, mas ainda ocorrem erros graves quando exprime um pensamento mais complexo.

- Usa com uma correcção razoável um repertório de rotinas e de expressões frequentemente utilizadas e associadas a situações mais previsíveis. Reduz o número de erros sistemáticos, no entanto aparecem outros ligados a estruturas mais complexas.

Nível B1.2

- Dispõe de um repertório suficientemente lato para descrever situações imprevisíveis, explicar o ponto principal de uma ideia ou de um problema com bastante precisão e exprimir o seu pensamento sobre assuntos abstractos ou culturais, tais como a música ou o cinema.
- Comunica com razoável correcção em contextos familiares; tem geralmente um bom controlo gramatical, apesar das influências óbvias da língua materna. Diminuem os erros. A pronúncia é claramente inteligível, mesmo se por vezes ocorrem erros de pronúncia e se nota um sotaque estrangeiro.

Nível B2.1

- Tem um leque bastante largo de recursos linguísticos que lhe permite fazer descrições claras, exprimir o seu ponto de vista e desenvolver uma argumentação sem procurar as palavras de maneira evidente, usando algumas palavras complexas para o fazer.
- Mostra um grau relativamente elevado de controlo gramatical. Não faz erros que possam causar incompreensões.

Nível B2.2

- É capaz de se exprimir com clareza e quase sem dar a impressão de ter de restringir aquilo que quer dizer, com uma alargada gama de vocabulário.
- Bom controlo gramatical; podem ainda ocorrer ‘lapsos’ ocasionais ou erros não sistemáticos e pequenos erros na estrutura da frase, mas são raros e podem muitas vezes ser corrigidos retrospectivamente. Adquiriu uma pronúncia e uma entoação claras e naturais.

2.2.4 Adequação às diferentes situações

Uma das características do ensino recorrente é a flexibilidade de adequação às diferentes realidades do adulto, pelo que, tendo em conta os objectivos e os níveis de desenvolvimento da competência comunicativa que se descrevem em cada um dos programas, é possível e aconselhável que os referidos programas se adaptem, não só aos diferentes grupos, mas também aos diferentes alunos, para responderem a essa heterogeneidade. A perspectiva que orienta estes programas prevê a adequação dos objectivos e conteúdos a situações educativas diversas e incita os professores a negociarem com os seus alunos para trabalharem sobre os aspectos mais significativos para estes, com a convicção de que, desse modo, se atingirão melhor os objectivos programados. A “abordagem por tarefas”, que se privilegia, adapta-se a contextos, temas e acções concretos, próprios de interesses e orientações académicas diversos, sendo as tarefas realizáveis com os recursos próprios de cada nível.

Como última consideração sobre a aprendizagem de línguas próximas, veja-se o caso do Espanhol para alunos lusófonos: trata-se de um factor de facilitação que estimula a motivação e o sucesso, não só pelas características das duas línguas (português e espanhol), como pela proximidade geográfica, que permite os contínuos contactos socioculturais, tão importantes na aquisição de uma língua. No entanto, esta facilidade converte-se em dificuldade quando o aluno não se apercebe das diferenças, subtis e constantes. É necessário trabalhar e reflectir sobre as diferenças e semelhanças, assim como fomentar estratégias pessoais de aprendizagem que favoreçam a superação das inevitáveis interferências, especialmente nas competências que dizem respeito à expressão.

Acresce referir que o programa de Espanhol não se apresenta apenas como um conjunto de conteúdos a apreender, mas antes pretende ser um instrumento regulador da prática educativa, contendo flexibilidade e abertura que permitam corresponder às necessidades e aos interesses dos alunos e às condições em que decorra a prática pedagógica.